

UM ANO COM VÁRIAS VIAGENS
2025



WALTER ANTONIO DE SANTI VERONEZE

POR ONDE PASSAMOS EM 2025

Este livro contará nossas viagens por países como África do Sul, Botsuana, Cuba, Panama, San Francisco, Vancouver e várias ilhas do Caribe.

A primeira viagem realizada que se fará presente por aqui é o Cruzeiro que a Celma e eu fizemos por ilhas do Caribe no mês de março-25, depois em abril foi a vez de irmos para a África do Sul e Botsuana e desta vez a Raissa foi conosco.

Posteriormente, em junho Raissa e eu fomos para Cuba, onde ela – trabalhando numa agência de viagem – conseguiu uma condição muito boa de passagens e então aproveitamos.

E finalmente, todos nós quatro, íamos em outubro para Vancouver (Canadá) e San Francisco (Estados Unidos), porém em última hora a Raissa teve questões de trabalho e não participou desta viagem com a Celma, Igor e eu.

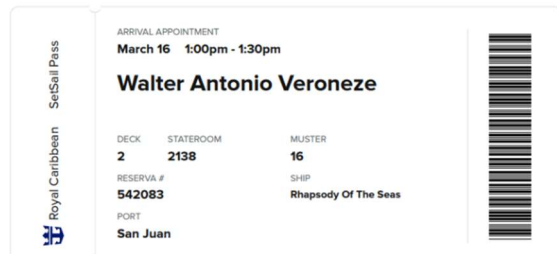
MÊS	LOCALIDADE	VIAJANTE
MARÇO	Caribe – cruzeiro	Walter – Celma
ABRIL	África do Sul – Botsuana	Walter – Celma – Raissa
JUNHO	Cuba – Panamá	Walter – Raissa
OUTUBRO	Canadá – Estados Unidos	Walter – Celma - Igor

Foi um ano de bastante viagens, pois além das acima que constam em meu curriculum de viajante e com estas paradas somam 74 (setenta e quatro) nações visitadas, a Raissa também foi para o Equador e Colômbia, porém isto não está neste livro, está em seus diários.



Fonte internet

CARIBE



Período = 16 a 24 março 2025

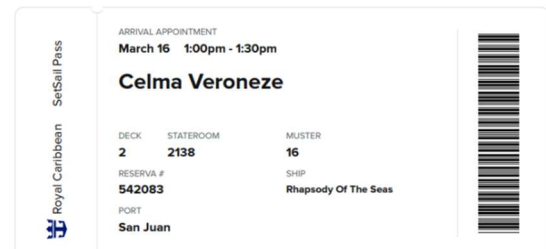
- Roteiro = Southern Caribbean Cruise

- Destinos = • San Juan, Porto Rico • St. Croix, Ilhas Virgens Americanas • Charlotte Amalie, St. Thomas • Philipsburg, St. Maarten • Basseterre, São Cristóvão e Nevis • Bridgetown, Barbados • San Juan, Porto Rico.

Nossa primeira viagem de cruzeiro foi da seguinte forma:

- Navio = Rhapsody of the Seas (Royal Caribbean)

- Capacidade = 2.416 passageiros (máxima) com tripulação de 765 pessoas. Maiores informações podem ver vistas na internet.



País 65 Porto Rico.

Na verdade, um território que até hoje não sabe se é um país ou um território norte-americano, haja visto que para o que interessa à administração norte americana ele é uma possessão americana e quando não então ele tem sua independência. Desta forma ele fica perdido entre sua cultura secular e o domínio político americano.

Mas vamos lá = saímos de dourados na tarde de 14 de março de 2025 dirigindo tranquilamente até a capital do estado para no início da noite pegarmos um voo da ruim companhia aérea Gol para Guarulhos. Chegamos por volta das 22 horas em São Paulo e jantamos tranquilamente e para seguir ao terminal 3 para o check-in com a Copa Airlines.

Daí as 5:30 h da manhã partimos para o Panamá e depois em outro voo da Copa para a cidade de San Juan em Porto Rico. mas não sem antes ter saboreado uma deliciosa torta de maçã no voo até o Panamá, sem modéstia a melhor que já comi até hoje.

Bem quando embarcávamos em São Paulo avisaram-nos que nossa reserva no hotel na capital porto-riquenha havia sido cancelada. a empresa operadora havia simplesmente feito o cancelamento e nada informado para nós e desta forma estávamos sem hotel até então. mas quando chegamos já tínhamos novo hotel, um serviço muito bem feito pela agência que sempre nos atendeu da melhor forma.

Seguimos ao hotel rapidamente após terminarmos o voo e fomos recepcionados muito bem, onde chegamos por volta das 17 horas.



Andamos pela orla da cidade, conhecemos lindas construções, a feirinha e vimos um pôr do sol magnífico. Bebemos muita água e encontramos um restaurante onde jantamos, um prato com abacate e carne e arroz delicioso por sinal. a dona do restaurante nos disse que há mais ou menos duas semanas atrás estava no Brasil aproveitando o Carnaval no Rio de Janeiro e disse que comeu demais que por sinal a comida brasileira é muito saborosa.

Passamos pela praça onde havia numa fonte de água várias estátuas de pequeno porte e a medida que as pessoas iam colocando dinheiro a seus pés ele começava a contar histórias dali. Um garoto que jamais podíamos imaginar que ali estava caso quisesse se passar despercebido. No hotel chegamos às 22 horas bastante cansados e fomos dormir.

No dia seguinte, domingo acordamos cedo e saímos para conhecer mais um pouco e saber em qual lugar iríamos embarcar no cruzeiro. Passeamos pela orla e logo em seguida avistamos o Rhapsody of the Seas um pouco mais à frente.

Estava chegando de sua viagem e muitas pessoas desembarcando, ficamos um pouco por ali pois o lugar tinha uma vista bonita e depois voltamos para tomarmos um café (ovos, pão e chá gelado) e a Celma gastar um pouco. No hotel pedimos para segurar o checkout até ao meio dia e assim o rapaz fez tranquilamente.

Ao meio dia pagamos, encerramos nossa estadia, e caminhamos até o porto com as malas para iniciarmos nossa jornada pelo mar do Caribe.

No embarque conferiram a documentação, as malas passaram pelo raio-x e nos também pela vistoria, então embarcamos naquele grande navio. Enquanto as malas não chegaram pudemos desfrutar de todos o navio, ver o mar, conhecer as piscinas, os restaurantes, o casino, o teatro, almoçar e acompanhar um show de música. Por volta das 17 horas voltamos ao quarto onde nossa bagagem já aguardava e nos arrumamos para o jantar.



Saímos e passamos pelo Teatro em primeira mão, onde houve a apresentação pelo diretor do cruzeiro, do roteiro como um todo, além de outras dinâmicas, também fez um quis de todos os países que ali tinham representantes e do Brasil ele falou tem 5 brasileiros. No final dois acrobatas russos Sergey e Valentina fizeram uma apresentação de tirar o fôlego. Fomos para o restaurante onde nossa mesa já estava reservada (626). E naquela mesa, logo em seguida chegaram mais 3 brasileiras (que então o número do diretor estava correto). o jantar foi muito bom onde você escolhe esses pratos que não sabe o nome direito, mas quando chega você pensa 'é isso aqui!?', mas que no final é saboroso.

E dê-lhe conversa da Celma com as brasileiras, até mesmo sobre as leis dos concursos públicos elas conversaram, sobre as aulas com alunos especiais, sobre o novo transtorno TOD que está em alta agora na rede de ensino. A mãe médica aposentada e duas filhas, uma advogada e outra professora da universidade federal de MG. A senhora já é o décimo cruzeiro que faz e tem um gosto especial por todos, já foi pela costa brasileira, pela costa da África, pela Europa e assim por diante.

Disseram que me daria bem com o ex-esposo dela que era apaixonado pela Rússia e morou por lá mais de um ano. abismadas com as minhas histórias, com a casa na Rússia

e com a biblioteca. No final agradecemos a todos e principalmente a garçonete que foi muito atenciosa e que disse que vai cuidar da Celma pelo problema de intolerância (lactose) que possui, haja visto que todas as noites será ela que nos atenderá. no jantar mesmo ela já pediu para a Celma escolher os pratos da noite seguinte que vai ser preparado sem lactose.

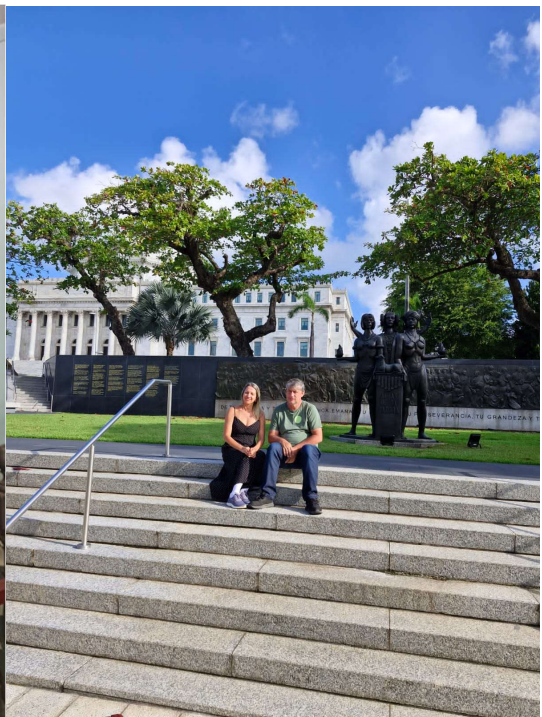
Havia ainda o show flashback anos 80 e também à solta de balões que ocorreram às 22:45 h. O show contou com diversas músicas de nossa época áurea e a participação de muita gente, dançando e cantando também na interação com os apresentadores.

Sáímos para a área externa deck 5 para ligamos para os filhos. O vento estava muito forte e frio, mas a lua incrivelmente bela.

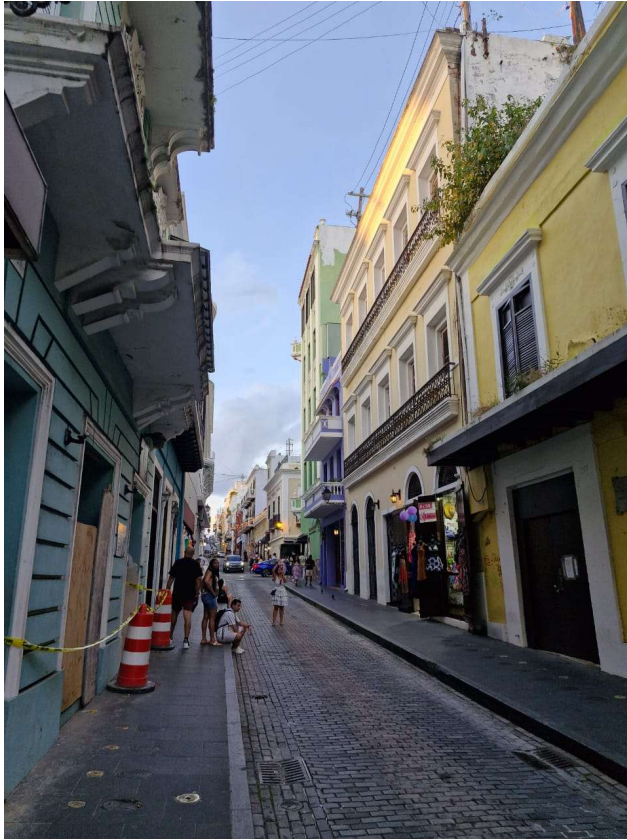
De volta ao quarto percebemos então suave balanço do navio. Mas em seguida fomos dormir e tudo se tornou tranquilo.













Local 66 ilha de St. Croix.

Ou também conhecida como Ilha de Santa Cruz é uma das ilhas do arquipélago das Ilhas Virgens Americanas e nossa primeira parada após a saída de Porto Rico. Acordamos cedo e pudemos ver a maravilha dos primeiros raios solares do dia.

Sáímos do quarto e fomos caminhar pelo deck 10, onde tem uma vista fantástica, uma pista de caminhada e academia. A Celma, claro, parou lá pra fazer um pouco de ginástica enquanto eu ficava ou sentado ou observando o mar, enquanto ele atracava no porto da ilha. Tomamos o café-da-manhã observando o novo lugar. Tínhamos combinado de irmos ao restaurante da janta para o café da manhã, mas na última hora resolvemos ir no restaurante normal que tínhamos almoçado no dia anterior. Muita comida boa e a Celma já tratou de procurar o chef para falar com ele sobre sua intolerância à lactose. Então ele foi até as estações de alimentações e mostrou os pratos que não possuíam leite em seu preparo. Demoramos consideravelmente por ali afinal tem que se tomar o café da manhã como um rei e foi isso que fizemos.



Arrumamos então as coisas, documentos, roupas e passamos pelo controle do navio e fomos conhecer a pequena ilha de St. Croix. Parecia que seria aqueles dias maravilhosos com as nuvens fazendo seu trabalho e protegendo os humanos do sol, entretanto logo em seguida ele apareceu e estava quente.

Na ilha a praia mais famosa estava cheia de gente do navio já, embaixo daquele sol torrencial, naquela areia que incomoda cada milímetro do corpo. A Celma tratou de já se arrumar e ir para a água enquanto eu fiquei por ali sentado numa mureta olhando-a aproveitar a praia. Depois de cerca de uma hora e meia, quando a sombra já estava bastante quente a Celma já se deu por satisfeita e então fomos caminhar pela cidadezinha de Feederiksted. Quase ninguém nas ruas e um vilarejo pequeno caminhamos tranquilamente vendo as lojinhas, as barraquinhas e o pessoal indo para mergulho e outras práticas de pranchas. Encontramos uma praça que dava uma vista incrível para o mar e o navio e sentamos ali por um tempo. Quando o sol já estava nos abraçando incansavelmente com seus raios calorosos decidimos voltar ao navio. Na agência em Dourados a nossa mais adorável agente de viagem comenta "*abraçando com raios calorosos foi demais*".

Seguimos o caminho do porto caminhando lentamente e vimos uma grande tartaruga nadando tranquilamente. Na entrada do navio quatro tipo de água saborizada para você tirar o cansaço. Após a fila de inspeção fomos ao restaurante onde havia muita gente. Almoçamos tranquilamente e a garçonete Evelyn veio conversar conosco lembrando que havia sido ela que tinha nos atendido durante o café-da-manhã, e falou sobre o passeio na ilha, de onde éramos e se havia muito calor em nosso país. Também se a Celma tinha gostado da praia... explicou também sobre as toalhas de banho e outras “coisitas, mas”.

Terminando o almoço experimentei alguns docinhos básicos de tantos a escolher e então pegamos gelo para nossa garrafa de água e fomos descansar.

Depois Celma foi para as piscinas e por lá ficou bastante tempo também estava havendo a escalada indoor, aquele esporte de escalar as paredes o qual Celma apreciou.

Depois voltamos para o quarto para ela se arrumar para o jantar e quando saímos encontramos gente chique pra cá, gente chique pra lá mas não sabíamos o que estava havendo, depois descobrimos que tinha uma festa de 15 anos e também era pra tirar foto com o capitão. A Celma aproveitou e tirou uma foto com ele e fomos num show da banda Kahlua, visitamos as diversas lojas de bolsas, roupas, perfumes, relógios e óculos. Além de passarmos pela exposição de quadros do Pablo Picasso. Depois jantamos.



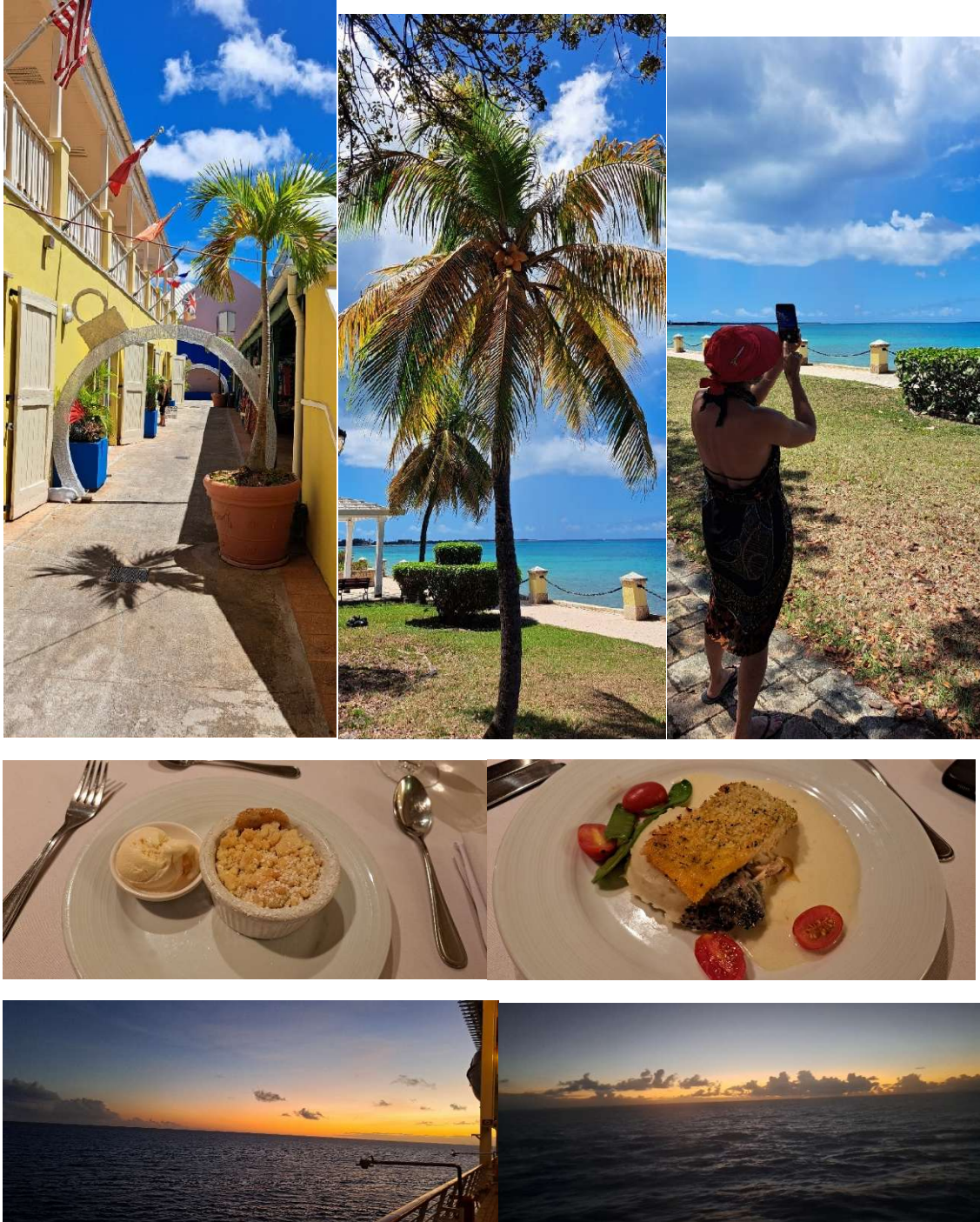
Desta vez a organização do restaurante colocou-nos em outra mesa de 5 lugares pois a da noite anterior estava numa de 8 e sobrava assentos, e também foi outro garçom que nos atendeu agora era o Stephen, indiano de Bombaim.

A garçonete da noite anterior já havia deixado os pedidos da Celma que ela tinha feito na noite anterior tudo pronto e ele já sabia da intolerância da Celma. Nos atendeu muito bem e quando pedi um cordeiro ele disse para pedir um prato de salmão pois o cordeiro era demasiadamente apimentado e sugeria o outro prato.

Depois de muita conversa com as brasileiras sobre o dia e os passeios terminamos o jantar com a sobremesa e para a Celma veio um sorvete sem lactose que ela até agora não acredita que seja sem lactose pela excelência do gosto do chocolate, mas provavelmente era sim porque não teve qualquer reação alérgica.

As brasileiras foram para um show da Broadway no teatro e nós fomos para o show de música no deck 4. Ficamos por lá até mesmo para ver outro show, o show de música silenciosa, onde todos colocam fones de ouvidos e ficam ouvindo várias músicas e dançando, bem interessante esta experiência.

Sáímos para a parte externa do deck 9 mas desta vez não vimos a lua e fomos dormir.







Local 67 Ilhas Virgens Americana.

A primeira coisa interessante neste lugar é que eles dirigem do lado normal nosso e a pista é no sentido inglês, ou mão inglesa como quiser. Por que isso, eles já vão dizendo nós fomos colonizados por seis nações diferentes e não sabemos responder. Foram colonizados pela Espanha, Grã-Bretanha, Holanda, França e Reino da Dinamarca e Noruega, quando finalmente em 1917 foi comprado pelos Estados Unidos.

Acordamos tranquilamente, já tarde e fomos ao café da manhã. Tínhamos definido irmos ao restaurante do jantar para tomar o café, porém quando entramos lá vimos que é no sistema de a lá carte e então preferimos ir à outro onde você se serve o que quer da forma que quer.

Novamente aquela imensidão de comida à disposição espalhadas pelas diversas ilhas. O que mais chama a atenção nisto não é a quantidade de comida e variedade disponível e sim o desperdício que as pessoas proporcionam, deixando pratos cheios de comida intocáveis. Servem e não comem e tudo é descartado.

Depois deste choque voltamos ao quarto para pegarmos a documentação para sairmos à terra. Pois se você analisar e for ficar atrás da agenda de atividades que o cruzeiro oferece você não consegue ir visitar os locais que ele atraca. A agenda tem eventos e atividades desde as 7 30 h até à 1 00 h da manhã.



Passamos pelo controle do navio e desembarcamos na ilha de St. Thomas, ilha capital das Ilhas Virgens Americanas e logo que entramos falamos com um guia que acertamos o passeio pela ilha para conhecer vários pontos. Fomos num veículo que tem capacidade

para 25 pessoas e o restante do grupo foram de porto-riquenhos, idosos, mas com disposição de jovens.

A cada parada nas montanhas uma beleza mais incrível que a anterior. Muitas fotos das baías e praias que se estendiam abaixo. Paramos também numa rua que tem só joalheria, uma maior que a outra, na verdade não sei pra que tanta joalheria num lugar tão distante assim, mas enfim elas estavam ali e com vários atendentes sorridentes.

Quando terminamos os passeios o guia nos levou para a praia que a Celma queria ir e nos deixou por lá informando como retornar mais tarde ao navio.

Enquanto ela foi para as águas do mar eu fiquei na lanchonete comendo peixe e batata frita, mas claro, deixei a metade da porção pra ela. Quando saímos para ir embora o nosso guia ainda estava por ali, mas ele não ia retornar ao navio naquele momento então pegamos outro taxi que nos custou 6 dólares cada.

Ali no porto tem um centro comercial, conhecido como Dronningens Gade, e claro também tem o Havensight Mall encostado no porto de cruzeiros, lugar bem bonito e cheio de lojas chiques, também um moinho de vento que aproveitei e fotografei.

Ficou faltando passear pelo Blackbeard's Castle, lugar que segundo as lendas o pirata Barba Negra usava como esconderijo.



Queria ter ido ao Forte Christian, mas estava fechado e tirei fotos externas apenas. Passamos pela Magens Bay uma das praias mais famosas da ilha e eleita uma das praias mais bonitas do mundo pela National Geographic.

Estava cansado com todo aquele sol, tirei foto da Celma no letreiro "*eu amo as Ilhas Virgens Americanas*" fomos ao navio e antes de embarcar tomei dois copos de água saborizada, com maçã e com laranja.

Passamos pelo controle e embarcamos, seguimos direto ao quarto e lá a Celma bebeu água, tomou banho e foi para a sessão de massagens que estava tendo no deck 9. Então aproveitei para tentar dormir, mas o máximo que consegui foi um cochilo.

Por volta às 19 horas fomos ao teatro para assistirmos o show da cover da Celine Dion, que por sinal foi espetacular.

Então como reservado as 19:45 h fomos para nossa mesa no restaurante Eldeweiss. E como sempre o prato da Celma já previamente preparado, pedi o meu e conversamos sobre o dia de passeios com as outras brasileiras. Também conversamos bastante, grande parte do tempo sobre os intercambistas que ficaram conosco e que fazem parte de nossa história e sobre os de nossos filhos, sobre as experiências de Igor na Rússia e da Raissa no Japão.

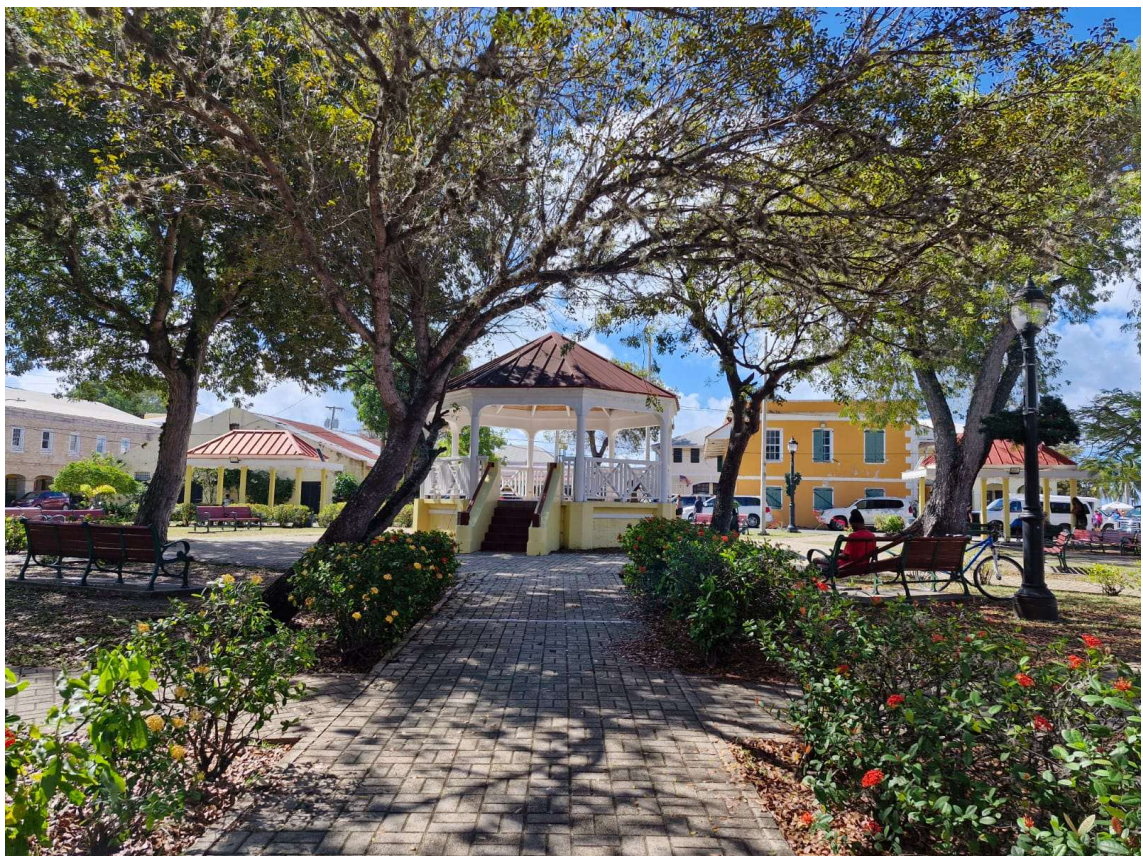
Terminamos o jantar e passamos pelo deck, o mesmo do restaurante onde estava havendo disputa de karaokê que por sinal de alto nível.

Então lembramos que uma de nossas companheiras brasileiras de jantar havia dito que as 22:14 h a lua surgiria dentro do mar e subimos ao deck 10 para confirmar isso e realmente foi como dito no horário marcado a lua surgiu como que de dentro do mar lá no horizonte longe como um ponto minúsculo que foi aumentando conforme se elevava no céu.

Após isso fomos dormir, afinal no dia seguinte estaríamos na Ilha de St. Marteen, que possui um lado holandês e o outro francês.













País 68 St. Maarten.

A ilha de St. Maarten é dividida entre uma parte holandesa e uma parte francesa. Como de costume chegamos bem cedo à ilha, mas ficamos um pouco mais na cama.

Ao ouvirmos a mensagem do capitão, que toda manhã é transmitida para todo no navio, fiquei muito feliz pois ele dizia que o tempo estaria nublado na maioria do dia. Ledo engano, foi o dia mais quente e abafado de todos até agora. Parecia que estávamos num caldeirão. Muito quente. Senhor! Acho que estou derretendo nessa viagem, só tem praia, areia, sol, água do mar. Socorro!!

Ao levantarmos tomamos café no restaurante de costume e desta vez o chef que tinha explicado para a Celma sobre os alimentos sem lactose veio até nossa mesa perguntar se a comida estava tudo bem e se havia alguma necessidade.

Tudo bem terminamos o café-da-manhã e pegamos os documentos para irmos conhecer a ilha. Desta vez havia engarrafamento de cruzeiros com seis navios ancorados no porto, um maior que o outro e muita gente desembarcando.

Após passarmos pelo choque de que o nosso cruzeiro era o menor que ali estava entre todos fomos arrumar um taxi para um tour pela ilha.



Pagamos 54 dólares para os dois e pegamos um taxi com mais vários Holandeses. Paramos numa culinária para fotografar a vista do mar do Caribe e a Orient Beach, queria ter visto a parte de nudismo da praia, mas de onde estávamos não dava vista e nem acesso. Depois descemos para a praia e a Celma aproveitou lá uns 20 minutos na areia. Tinha bastante turista por lá, mas não chegava a estar lotada e foi por lá que conseguimos

encontrar pela primeira vez nesta viagem vendedor de coco para podermos tomar água de coco e por sinal estava bem gelada porém bem pouca.

Fomos também para o lado francês da ilha. De lá passamos por vários locais para fotografar e fomos num centro de lojas, restaurantes e barracas de comida, onde havia preços bem em conta. Depois fizemos o caminho de volta ao porto.

Na volta vimos uma churrascaria brasileira e também, ao longe, um vulcão cuspidor fumaça.

Antes de voltarmos efetivamente fomos para a Maho Beach lugar que a praia é encostada ao aeroporto e os aviões passam bem próximo às pessoas para aterrissarem, experiência bem perigosa, mas empolgante.



No final, no porto agradecemos o taxista e fomos conhecer as lojas de Philipsburg. Voltamos ao navio pois já se aproximava o horário para nosso retorno.

Fomos rapidamente ao restaurante almoçarmos e mais uma vez analisando podemos observar a falta de consideração de algumas pessoas pela gratidão. Passageiro reclamando da comida, senso que há muitas e muitas opções para escolher ao invés de reclamar de certa variedade, mas enfim não se consegue contentar a todos. Neste cruzeiro muitos são idosos, provavelmente mais da metade são de pessoas da terceira idade, velhos acompanhados do cônjuge, velhos de bengala, velhos acompanhados de outro velho, velhos acompanhados de família ou mesmo sozinhos, para todo lado que se olha tem um bando de velhos. Incrível que mesmo, diversos deles com muita dificuldade de locomoção estão visitando todos os lugares que atracamos. Neste cruzeiro também tem diversas pessoas com deficiência, principalmente cadeirantes.

No jantar marcado para a mesma hora dos dias anteriores e na mesma mesa, observamos ao chegar que todos os garçons e atendentes estavam com camisas coloridas ao invés do tradicional uniforme. O nosso garçom, Stephen, nos explicou que era a noite tropical por isso das camisas coloridas. Durante o jantar o pessoal do restaurante fez uma homenagem aos cozinheiros que preparam tanta comida com um nível de qualidade elevado e inclusive, se formos analisar também preparam pratos especiais como os da Celma totalmente divergente dos normais.

Com nossas amigas de jantar, as brasileiras, conversamos sobre os passeios do dia, sobre nossos filhos, viagens e um pouco sobre a história da Rússia. Quando acabamos nos despedimos e eu e a Celma subimos até ao deck 10 para observar o mar, mas nada se via naquela escuridão, apenas o som da água batendo contra o casco e fazendo aquela espuma que em segundos desaparecia, fazendo nos lembrar daqueles filmes sobre os navegadores.

Quando chegamos ao quarto fui olhar a agenda do próximo dia e também as informações do cruzeiro no Plano Diário e também já estava disponível as fotos que haviam tirado da gente no jantar e da Celma com o capitão do navio. Deixa quieto pois cada foto tinha o custo de 15 dólares.

Melhor ir dormir. Boa noite.

Próxima parada São Cristóvão e Nevis.













País 69 São Cristóvão e Nevis.

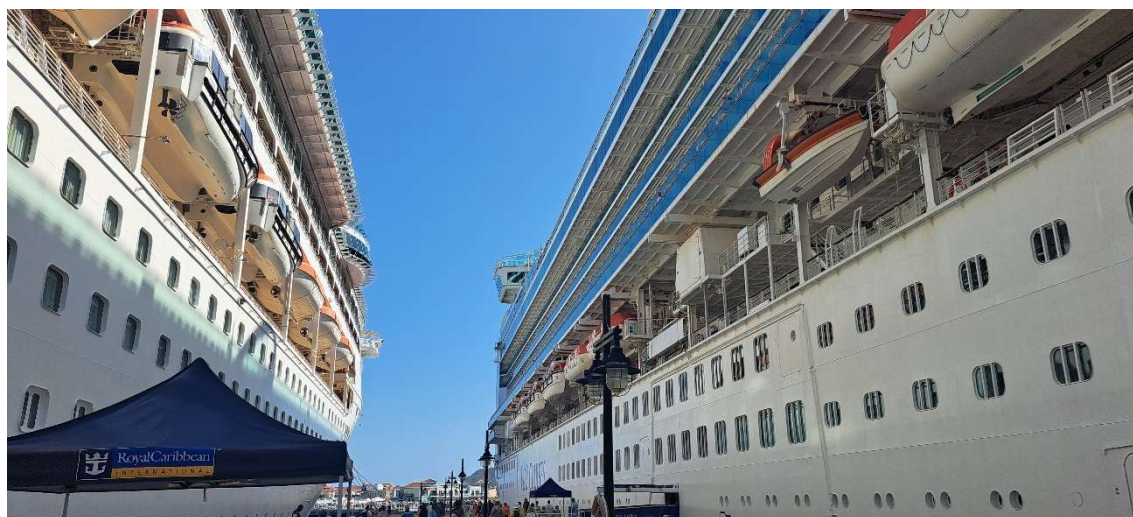
O que mais impressiona nesta ilha é a pobreza, podem dizer que suas praias são lindas, mas isso é areia e água é nada mais que isso. Pegamos um tour para alguns lugares famosos e o trajeto ladeado de casas em situações deploráveis é ou mesmo casas que devem conseguir abrigar um indivíduo apenas, além de alguns lugares muito sujos. Não deve ser à toa que o país tem um programa de cidadania de investimentos bem flexível. A Celma que já vinha com muita vontade de ir para a praia e no último momento decidimos fazer o passeio que levaria 2 horas e na verdade levou 3 horas e além do fato que desta vez tínhamos que estar de volta no navio as 15:30 h, foi o lugar que menos gostou.

Chegamos de volta do tour por volta das 2 horas o que não daria muito tempo para fazer mais nada além, é claro, ficar andando pelo centro comercial ao lado do porto. Fizemos um bom almoço já no navio enquanto o mesmo acionava os motores e seguia novo destino com destino à Barbados, onde seria nossa última parada.

A cidade de Basseterre realmente é pobre, mas possui um aeroporto, porto, além de repórter dos famosos e também campos de golfe, algo que contrasta demais com o resto do país.

Pegamos a rodovia beira mar e fomos vendo alguns monumentos, principalmente na Praça da Independência que era o ponto central de venda de escravos no final dos anos 1700. Depois ela foi renomeada para Praça Pública Principal de Basseterre para homenagear a libertação do domínio inglês.

Paramos para fotografar um vulcão que parte estava escondido pelas nuvens e numa montanha muito alta e seguimos para as ruínas de uma antiga fábrica de açúcar, um lugar bem bonito levando-se em consideração a situação do país, rodeado a ela os jardins da Mansão Romnay. A mesma possui 12 hectares de um jardim com árvores gigantes e tantas outras plantas que realmente atraem o turista.



Voltando, passamos pelo campo de críquete, pelo aeroporto, e por praias incríveis onde paramos para fotos por uma faculdade de medicina, onde a Celma comentou *“deve ser ruim estudar ao lado da praia”*. Visitamos também a igreja da Imaculada Conceição, muito bonita por sinal.

Descobri que cerca de 18% dos meus neurônios haviam sido destruídos com a intensidade do sol, da água do mar e da areia nesta última semana.

De volta ao navio a Celma foi para a piscina curtir mais um pouco e depois para academia.

A noite fomos ao deck 4 para o teatro onde estava havendo apresentação de acrobacias. Depois o jantar no horário e lugar marcado. Conversamos bastante sobre a história russa desde os princípios do império, também sobre os passeios do dia na ilha.

Vale lembrar que era a noite do "branco" e todos os passageiros e tripulação vestidos de branco. Depois fomos para a festa latina que estava ocorrendo no deck 9 na piscina principal. Ficamos por lá até as 23 30 horas e pudemos tirar foto com o italiano diretor do cruzeiro o italiano Michaelis senso que conversamos um pouco com ele e ele nos disse que morou um tempo em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

No palco central a banda Kahlua fazia seu show como de costume e os garçons aproveitando para dançarem também. Neste momento da noite já estávamos em alto mar há algum tempo.







País 70 - Barbados.

Navegamos a noite toda e grande parte do dia de ontem e do de hoje, afinal saímos de São Cristóvão e Nevis as 16 horas da tarde ao invés das 18 como sempre e fomos autorizados a desembarcar as 10:30 h ao invés das 8:30 h, logo após a mensagem diária do capitão, também como nos demais destinos. Longe pra pega. Desta vez o navio balançou bem mais que de costume. Então acordamos um pouquinho mais tarde e tomamos aquele delicioso café-da-manhã calmamente.

Saímos para a ilha e a caminhada do porto até terra firme foi a maior de todas até agora. No porto havia mais dois navios de cruzeiros, um era o Britânia e o outro não consegui identificar.

Fomos para o centro comercial do porto para encontrarmos algo para aproveitar o dia, como ir à uma praia como a Celma tanto queria desfrutar. Então fomos até o local dos taxis, esses das vãs que levam várias pessoas de uma única vez e então combinamos de fazer um tour que seria na faixa de duas horas e meia por 35 dólares cada.

Também encontramos um casal de britânicos que estavam no outro cruzeiro, o Britânia, que ficou conversando conosco e querendo saber o que a gente queria fazer e quando a Celma disse que tinha muita vontade de ir à praia ele disse vão lá e peguem aquele outro taxi eles levam para a praia apenas e é mais em conta.

Mas mesmo assim ficamos ali um bocado, mas como na sequência ele também desistiu do passeio, nos saímos de fininho e fomos onde ele havia indicado, custando apenas 5 dólares para cada e eles nos deixaram na Carlisle Beach.

A Celma aproveitou daquele lugar enquanto eu ficava embaixo de uma árvore, me escondendo daqueles raios abrasadores do sol. Enquanto ficava por ali, apareceu um casal tirando fotos na placa de Barbados, e conversamos sobre o cruzeiro, sendo que eram de Rondônia. Quando minha esposa saiu das águas do mar, me disse que ele estava muito bravio e muito quente o sol.

Aproveitado o mar pela Celma, deixamos aquele local e decidimos voltar caminhando, até agora não sei se foi totalmente uma ideia boa ou insana, aproveitamos para ver mais lugares e não precisar gastar com o tour, entretanto a caminhada embaixo daquele sol não estava fácil.

Passamos por uma igreja e escola St. Patrício e por outras obras abandonadas, além de uma praça ao lado de um cais. Logo depois a Praça da Liberdade e o centro da cidade em si. Muitas lojas, mercados e joalherias novamente, além de bancos e frutarias.

Então saímos das ruas da cidade e pegamos a rua da orla acompanhando o desenho do mar e o corredor de coqueiros ao longo da alameda e em pouco tempo avistamos o portal do Porto de Bridgetown, porto onde nosso cruzeiro nos aguardava e capital da ilha.

Passamos pela revista do posto policial e então estávamos no lugar de partida de antes, lugar onde pegávamos os táxis.

Decidimos comprar uma pipoca que a Celma tanto queria e então decidimos voltar para o cruzeiro. Saindo do centro comercial havia ônibus para o transporte até o navio e então aproveitamos está carona e em poucos minutos estávamos na porta de entrada do navio.

Quando estávamos no elevador indo para nosso deck pensamos em verificar se o restaurante localizado no deck 9 ainda estava aberto, afinal já havia passado do horário padrão de funcionamento, mas felizmente sim, estava aberto ainda, acreditamos que pelo tempo que os passageiros haviam sido liberados para irem à ilha eles também tinham alterado no horário padrão de atendimento. Fizemos uma refeição excelente e alguns novos doces puderam ser saboreados. Satisfeitos fomos ao quarto para o descanso padrão.

No quarto uma carta sobre todas as recomendações para o desembarque em Pedro Juan em Porto Rico.

Celma foi novamente para a piscina do navio e aproveitou ainda mais o sol. Quando retornou fomos ao restaurante do deck 4 para nosso jantar como nos demais noites anteriores, passando antes pelo deck 7 onde estava havendo a exposição de muitos quadros.

No jantar como sempre fomos muito bem atendidos pela dupla de garçons de todas as noites e também uma comida excelente e desta vez puder saborear lagosta pela primeira vez na vida. Com nossas amigas brasileiras conversamos sobre os passeios do dia e ficamos sabendo como havia sido o passeio de submarino que elas tinham contratado. Também falamos sobre Cuba que uma delas foi a 10 anos atrás e a outra a 14 anos e a dona. Eliane, a mãe, a 40 anos atrás e todas elas falam dos lugares excelentes e pitorescos que Cuba proporciona. Esta conversa se iniciou quando me perguntaram se eu já tinha ido para Cuba, aí que disse que vamos em junho próximo, como programado com a Raissa.

Também falamos do desperdício que há no restaurante do deck 9 tanto no café da manhã, quanto nos almoços e sobre os trabalhadores que na sua grande maioria são da indonésia (200), da Índia (100), da Filipinas (100) e o restante de várias outras nacionalidades, onde são cerca de pouco mais de 760 tripulantes, convivendo com tanta comida jogada fora. Como é a vida deste povo quando retorna para casa?

Teve uma homenagem aos cozinheiros do navio que preparam todas as comidas com excelência para os passageiros e tripulação.

Quando terminou o jantar passamos por alguns decks para verificar a programação do



que estava havendo e ficamos um bom tempo no teatro onde acontecia uma apresentação de musical dos anos 70. Depois passamos pelo casino, onde novamente estava lotado de gente

entretidos em suas máquinas e descemos para nosso deck, ao som de músicas de rock da banda Kahlua.

O navio já estava longe no mar aberto e rumávamos para San Juan nossa próxima parada no domingo pela manhã. Então navegariamos sexta à noite, sábado dia todo e noite toda,

atracando em Porto Rico no domingo as 6 horas da manhã e com liberação dos passageiros a partir das 7 horas.

Barbados teve a nota dez nossa, sendo 8 pela Celma, que aproveitou o mar que tanto insistia e nota 2 minha pelo calor que fazia e por poucos lugares que valiam a pena ver, haja visto que praia pra mim são todas iguais e ainda traz o trio do mal, sol, areia e água.









FIM DO CRUZEIRO

Um amplo resumo - Foi nosso primeiro cruzeiro e mesmo com as preocupações que havia quanto a isto e com algumas informações negativas sobre este tipo de viagem fomos sem qualquer expectativa, entretanto nossa vivência em todos os dias, quer seja no navio, quer seja nas ilhas que paramos, são positivas em todos os pontos, mesmo nas ilhas que não tenhamos gostado do que vimos podemos dizer que a experiência foi gratificante.

O atendimento em todos os setores do navio que utilizamos foi exemplar, muito digno e competente, além de cheio de amizade e alegria.

O cruzeiro em si dispunha de uma enormidade de atividades diárias que era impossível ir à todas e ao mesmo tempo ir às ilhas das paradas do roteiro.

Sei que poderíamos ter participado de muitas outras atividades às quais se estendiam desde às 7 da manhã até a uma hora da manhã, ininterruptamente nos diversos decks do navio, mas mesmo assim aproveitamos do mesmo à nossa maneira.

Criamos alguns amigos neste primeiro cruzeiro, como a família brasileira que nos encontrávamos em todos os jantares no deck 4, como o diretor de eventos, o argentino Juan José que quando nos encontramos, além de foto, parou por mais de meia hora para voltar de sua vida, sobre seus filhos, sobre sua carreira na Royal e comentou "cadê sua família? Vamos falar com eles e então chamei a Celma para participar. Como o diretor do cruzeiro, o italiano Michele que também parou para conversar conosco sobre sua moradia temporária em Porto Alegre antes de se dedicar aos cruzeiros. Como a Carmem garçonete em nossa mesa na primeira noite do cruzeiro que dispensou toda a atenção para a Celma e sobre sua intolerância à lactose e a frase que ficou marcada foi "*eu vou cuidar de você pode pedir o que precisar*", e depois mudaram as mesas e ela não atendeu mais mas na última noite fomos conversar com ela e tiramos uma foto para sempre lembrarmos do carinho. Como Stephen e Rishalin a dupla que nos atendem então em todas as outras noites no restaurante Edelweiss no deck 4, com toda atenção e amabilidade traziam todos os pratos com rapidez e ainda sugeriam alguma opção melhor do que a que tínhamos em mente em pedir, quanto a Celma seus pratos já estavam decididos na noite anterior e assim também preparavam sem qualquer dificuldade, eles realmente foram muito cordiais e atenciosos e no final deixamos uma gorjeta para cada um dos dois, além de eternizados com uma foto. Como o camareiro que retidas as manhãs arrumava nosso quarto e deixava sempre uma agradável surpresa criada em toalha sobre nossa cama, muito querido e que também lhe gratificados.

Além de alguns outros que agora não dá para agradecer a todos principalmente no restaurante do café-da-manhã, onde alguns sempre iam perguntar se tudo estava bem ou se estava precisando de algo mais.

Durante os lugares que estávamos e alguns deles passava nos cumprimentavam e perguntavam se tudo estava bem. A dedicação deles foi um ponto mais que positivo, foi marcante.

Bem, o dia seria de navegação, que já havia começado no final do dia anterior, as 16 horas quando partimos de Barbados com destino à Porto Rico. Navegaríamos o dia todo e também a noite toda e chegaríamos as 6 da manhã de domingo em San Juan, mas as

atividades do navio, como já mencionei, não pararam e em quase todos os decks havia alguma atividade, apresentação, jogos, shows e por aí afora.

Tomamos café da manhã por volta das 9 horas e depois a Celma foi para a piscina, foi na sessão de acupuntura e na escalada indoor que também acontecia no deck 10. Eu fui verificar sobre a opção de mudar o horário de nossa saída do barco na manhã seguinte e também trocar dólares para as gratificações acima mencionadas. Depois fui para o quarto ver alguma informação no canal de televisão da RCTV.

No almoço haveria uma homenagem aos veteranos norte-americanos que jamais pararia para assistir uma baboseira dessas, mas era uma atração do navio.

Em todos os cafés da manhã, e como já descrevi em tópico anterior, o desperdício de comida era enorme, algo que deve haver uma forma de reverter e não deixar acontecer da forma que acontece, onde muitos hóspedes pegam pratos lotados de comida, 3 a 4 copos de suco e deixam tudo pela metade sobre a mesa. Infelizmente é triste e desanimador.

As 7 horas da noite houve o show de despedida, com diversas informações trazidas pelo diretor Michele sobre o final do cruzeiro e depois apresentação da orquestra do navio e da dupla russa Sergei e Valentina, com acrobacias incríveis.

Então nosso último jantar, onde conversamos bastante com nossas amigas e comemos o tão famoso cordeiro que deveríamos ter comido na 4 feira mas o Stephen, naquele dia, disse para não comermos e que deveríamos pedir outro prato. A família de Minas Gerais quis tirar uma foto conosco e em seguida houve mais uma homenagem aos garçons que todo dia nos atendiam com sorriso.

Depois, como disse no topo da narrativa, encontramos a Carmem e então tiramos foto com o Stephen e com a Rishalin.

Passamos então no shopping e havia muitas coisas em promoção e a Celma aproveitou para compara dois anéis. Também paramos no deck 4 onde estava havendo mais um show, mas como estávamos cansados e precisávamos arrumar as malas para no dia seguinte deixar o navio descemos para nosso quarto, que estava situado no deck 2, número 2138.

À noite, na gerarem, não foi boa de sono e pude acompanhar pela janela do quarto o caminho que o navio percorria dentro do mar deixando as águas azuis para trás e avançando cada vez mais em direção ao porto de San Juan.

As 7 da manhã corremos para aproveitar nosso último café-da-manhã no deck 9 e rapidamente voltamos ao quarto para pegar as malas e deixar o navio pois era nosso horário de saída, no corredor dos quartos encontramos nosso camareiro que nos desejou "boa viagem".

Em Porto Rico como faltava muito tempo ainda para nosso voo de retorno, que seria apenas as 5:46 da tarefa combinamos com um taxista e ele fez um tour pelo centro histórico e pela cidade nova, além de passar em duas praias para a Celma pisar na areia e sentir o tão amado calor daquele sol abrasador.

Por volta das 10 da manhã ele nos deixou no aeroporto onde ficamos aguardando liberar o check-in para embarcamos o que aconteceu apenas as 15 horas.

Então no horário do voo embargos na aeronave da Copa com destino ao Panamá e depois São Paulo, destino final deste cruzeiro, antes de ainda pegarmos um voo da Gol para Campo Grande e depois mais duas horas e meia de carro até nossa cidade de Dourados.

Foi uma experiência incrível e indicada para outras pessoas. Muita atividade, muita comida da boa e da melhor com uma grande variedade. Pessoas atenciosas.

Já no aconchego de nosso lar, o então taxista de Porto Rico, Luiz, me ligou - no final da tarde - para sabermos se estávamos em casa e se estava tudo bem.

AFRICA DO SUL e BOTSUANA

Em abril-25 estivemos em mais dois países do continente africano. África do Sul e Botsuana. O primeiro muito mais conhecido de todos aqui no Brasil e também um dos países integrantes do BRIC's, enquanto o segundo um país de pouca expressão internacional e uma novidade para os brasileiros.

Países que nos fizeram refletir sobre o que precisamos para levar uma vida mais alegre, mais tranquila, e ter paz.

As duas experiências foram gratificantes, mesmo com a Raissa (nossa filha) reclamando boa parte da viagem devido as mudanças e ou encaixes nos roteiros que eu geralmente faço.

País 71 – África do Sul

O voo de São Paulo para Johannesburgo, uma das capitais da África do Sul, de nove horas foi muito tranquilo, onde chegamos ao destino por volta das 7 horas da manhã de 17 de abril.

Entretanto a aventura começou antes, em Dourados, quando pegamos um ônibus com destino à São Paulo devido aos horários da Celma na escola. Já na saída de nossa cidade o ônibus foi parado pela Polícia Federal onde ficamos um bom tempo com o pessoal fazendo as revistas e perguntas aos passageiros. Para a Celma o policial, muito educado por sinal, perguntou onde morava, para onde estava indo e o que ela fazia para ganhar o pão de cada dia. Talvez o mesmo tenha pensado “como assim, indo para o continente africano”. Mas foi muito tranquilo as questões.

Quando estávamos para embarcar em São Paulo tínhamos uma questão muito delicada que era o certificado de vacina de febre amarela da Raissa, que estava vencido, mas quando falamos com o pessoal da cia aérea – South African – nos disseram que a vacina em si não vence mais é para toda a vida, apenas o certificado. Assim, um alívio então. A vacina é obrigatória nos dois países que passaríamos, mas em nenhum deles, nenhuma imigração pediu a documentação.

Na imigração da África do Sul o atendimento foi excepcional. E bem rápido. Então como estávamos apenas com mochila e bagagem de mão, ficamos no hall do aeroporto onde esperaríamos o voo para Gaborone (capital da Botsuana) no início da tarde.

Foi quando tentamos verificar se não conseguiríamos antecipar o voo e ficar um pouco mais na cidade botsuana. Tentamos, mas não foi possível.

Quando retornamos ao hall onde a Celma nos esperava, um novo segurança do aeroporto estava questionando a mesma o porquê ela estava ali parada a bastante tempo e antes mesmo dela responder viu que chegávamos e daí ele entendeu e saiu.

Então tive a idéia de irmos visitar o berço da humanidade “*Cradle of Humankind*”. A Raissa já começou a reclamar que não daria tempo de irmos lá e que gastaria muito. Mesmo assim conseguimos um Uber que nos levou, esperou fazermos a visita ao local e nos trouxe de volta ao aeroporto com tempo para o voo à Botsuana e com o coração da Raissa tranquilizado.

Então partimos para Gaborone, dando um intervalo em nossa visita à Johannesburgo, retornando no dia seguinte pela manhã.

País 72 - Botsuana

Botsuana um país escondido no continente africano, um país pobre e que pode ser percebido no momento em que se caminha pelas ruas de uma capital que parece com a nossa Dourados, porém o povo desse lugar encanta com sua hospitalidade e sorriso estampados em seus rostos, a comida também é ótima! Ficamos por pouco tempo no país, chegaríamos no início da tarde por lá, porém com um atraso considerável na África do Sul só fomos chegar no final do dia. E o desembarque, na imigração também foi bastante demorado, então só aproveitamos ao redor do hotel mesmo no finalzinho da tarde, conhecendo poucos lugares, além de um jantar com uma refeição gostosa. Nosso voo de volta para a África do Sul seria no dia seguinte bem cedo.

O lugar mais importante que passamos foi o Three Dikgosi Monument. Monumento histórico que homenageia os líderes que desempenharam um papel fundamental na formação do país, um lugar bastante bonito.

Nosso voo para Gaborone sofreu atraso considerável de aproximadamente 1 (uma) hora e chegamos à capital de Botsuana no final do dia. Voamos num ATR-42 e tivemos também um atraso na imigração, onde o pessoal estava revistando com bastante esmero todos os passageiros. Quando nos liberaram, procuramos um taxi e não havia e nossos celulares não tinham conexão, assim não dava nem para chamar um Uber, que ficamos até sem saber se havia por ali ou não.

Conversamos no aeroporto e um rapaz, após negociações nos levou ao hotel e também nos explicou que dava para ver alguns monumentos ali perto para aproveitar o tempo que ficaríamos na cidade, ou seja, apenas o finalzinho daquele dia e a noite.

Fizemos o check-in e o pessoal do hotel nos deu um quarto indevido, com apenas uma cama de casal e, sendo que estávamos em três (Celma, Raissa e eu). Então a Raissa voltou à recepção e conseguiu um quarto apenas para ela. Ficou toda feliz.

Saímos para dar uma volta nos pontos turísticos e visitamos o Three Dikgosi Monument. Por ali estava um guia fazendo explicações para outro grupo o qual aproveitamos e ficamos escutando. Ali perto mais algumas construções de destaque que aproveitamos para tirar fotos. Também fomos ao shopping que havia ali encostado e quando retornarmos caminhando já estava escuro. Tentamos procurar um restaurante de comidas típicas do país que o rapaz do hotel disse que havia bem pertinho, mas como não havia internet tentamos localizar, mas não achamos, decidimos então jantar no restaurante do hotel.

A comida estava muito boa e enchemos bem o “bucha”. O banho também muito bom e a cama muito boa.

No dia seguinte, às 6 horas da manhã o mesmo rapaz que havia nos levado ao hotel chegou para nos levar de volta ao aeroporto.

No caminho foi conversando bastante com a Raissa e também ensinando algumas palavras dos dialetos da região.

Fomos os primeiros a chegar ao aeroporto e a atendente da companhia aérea foi muito atenciosa e pediu para nos dirigirmos logo depois ao setor da imigração que foi tudo



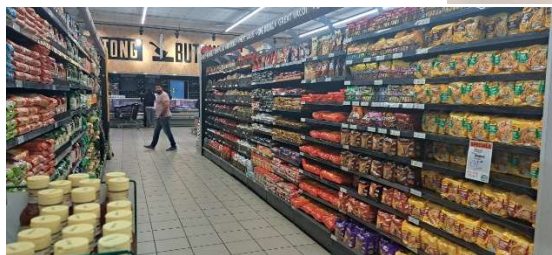
tranquilo. Aguardamos um pouco na sala de embarque e aproveitamos para comer lanches que a Raissa pediu e que estava muito bom.

Nosso retorno foi na mesma aeronave do dia anterior, o ATR-42.

Nas palavras da Raissa, “*Botsuana é um país escondido no continente africano, um país pobre e que pode ser percebido no momento em que se caminha pelas ruas de uma capital que parece com a nossa Dourados, porém o povo desse lugar encanta com sua hospitalidade e sorriso estampados nos rostos das pessoas, a comida também é ótima!*”

Depois que estávamos na África do Sul ficamos sabendo de um acidente com aeronave da Air Botswana, conforme abaixo:

A **Air Botswana** é uma companhia aérea de [Botswana](#).^[1] Opera com aviões [Bae 146](#), [ATR-72](#) e [ATR-42](#), e teve o pior acidente aéreo do país, quando um piloto, afastado por problemas mentais, invadiu o aeroporto e decolou sem autorização, jogando seu avião em cima de outros dois que estavam no pátio. Os três [ATR](#) foram destruídos nessa tragédia.







VOLTANDO PARA JOHANNESBURGO

Novamente aterrissamos em Johannesburg, e tranquilamente passamos pela imigração novamente onde o policial brincou com a Raissa e foi muito atencioso. Mas tarde um pouco enquanto estamos sentados em outra área o mesmo policial passou por nós e disse “Raííssa!”.

Pegamos um Uber e nos deslocamos ao hotel então que já estávamos pagando desde o dia anterior, mas por motivos de termos ido para Gaborone ainda não tínhamos feito o check-in.



fizemos em todas as nossas viagens.

Deixamos apenas as malas e saímos rapidamente para o centro da cidade onde faríamos nosso primeiro passeio no ônibus do City Sightseeing Tour. Esta experiência foi a primeira vez que

O Uber nos deixou numa rua perto do local e tivemos que atravessar um shopping para chegar ao local do ônibus, como não sabíamos ao certo onde era, perguntamos para um segurança do shopping o qual, de boa vontade, foi nos levar até o local.

Encontramos a guia que faria o tour conosco e compramos os ingressos dos passeios e depois nos deslocamos para uns bancos que haviam por ali para conversarmos sobre a cidade enquanto a Celma olhava algumas lojinhas ao redor.

Uma moça segurança do local também – vendo que tínhamos os ingressos do ônibus - aproximou-se de nós e nos avisou que estava na hora de tomarmos nossos lugares no veículo.



Sobre o passeio de ônibus passamos pela Melrose Arch, a Fundação Mandela, as casas de Mandela, Constitution Hill, o centro de Joanesburgo, o Museu do Apartheid, o Parque Temático Gold Reef City, o Zoológico e o Museu Militar.

Quando paramos no cassino, tivemos um tempo para visitar o Museu do Apartheid o qual tivemos

que fazer bem corrido para pegar outro veículo e irmos para o bairro Soweto, onde pudemos ver a dificuldade que o povo passou e continua passando com a pobreza tomando conta de todos os lugares.

Foi um dia intenso saber desta história no local em que aconteceram.

Terminamos no finalzinho do dia os passeios e acertamos com a guia a diferença de valor que faltava. Minha conta não permitiu eu fazer a transferência, então a Raissa nos salvou do vexame. Ela pagou e depois ficou reclamando que tinha acabado o dinheiro na conta dela, ficando apenas com quatorze reais de saldo.

No hotel fomos atrás de um restaurante de comida típica sul africana e depois que conversamos com o motorista do Uber que nos levou de volta ao hotel nos indicou um restaurante perto do hotel. Tivemos uma ótima impressão da janta e do atendimento do restaurante. Aproveitamos e experimentamos a comida Chakalaka que a guia tinha nos falado que era picante e saborosa.

Ela também nos disse para assistirmos, assim que pudermos, os filmes “Invictus” e “Sarafina” os quais retratam tanto um momento do líder Nelson Mandela como momento de repressão sofridos pelos sul-africanos. Então o filme “Invictus” encontramos na grade de filmes do avião que voltamos ao Brasil e já assistimos. O outro ainda está na grade para vermos.

Na saída do restaurante um rapaz ajudou com o Uber e quando ouviu a gente falar perguntou de onde éramos e então disse que falava português também porque a mãe dele era de Angola.

Dormimos muito bem, porque logo de manhazinha tínhamos que ir no safari que estava agendado. E nós seríamos os primeiros a pegar a van.

A van foi passando por vários hotéis pegando as pessoas para viajarmos cerca de duas horas até o local do safari. Pessoas da China, Grécia, Brasil (dois irmãos) e de outros lugares fizeram parte do nosso grupo.

Quando chegamos no local do safari, recebemos as instruções e tomamos nossos lugares no caminhão que faria o percurso por dentro da reserva.

Neste meio tempo lembramos novamente a Raissa para fazer a alteração de alimentos da Celma no voo de volta ao Brasil (intolerância a lactose).



O safari foi uma nova experiência que também ainda não tínhamos tido. Vimos rinocerontes, elefantes, hipopótamos, zebras, impalas, girafas, Cudus e gnus, além de vários pássaros muito bonitos e também javali.

Tanto os javalis, uma fêmea e dois filhotes, além de um casal de girafas estavam bem pertinho de nós no restaurante que paramos para almoçar. Quando as girafas apareceram abrindo as árvores para chegar e ficar por ali foi um alvoroço só do pessoal para tirar foto, selfie e por ai afora.

Aguardamos nosso almoço que já havia sido solicitado em formulário quando estávamos no trajeto dentro da van. Entretanto nosso pedido e dos irmãos brasileiros também não vinha. Disseram que o guia não havia passado para a cozinha do restaurante e então fizemos outro pedido. Não demorou muito não e logo estávamos comendo. Comida muito boa por sinal.

Após o almoço voltamos para mais algumas horas rodando pela reserva para – de todas as formas – encontramos com o leão, mas não foi desta vez. Infelizmente não conseguimos ver nenhum.

No retorno, já no final do dia, encontramos num vilarejo pessoas comuns consertando o asfalto como num mutirão, em pleno domingo a tarde.

Chegando ao hotel de volta, nos despedimos da dupla brasileira que esteve conosco o dia todo e rapidamente tomamos um banho para jantarmos pois estamos bastante cansados.

Então jantamos no próprio hotel para ser mais rápido e descansarmos pois tínhamos que sair bem cedo na manhã seguinte para retornarmos ao Brasil.



Podemos dizer que os sul-africanos são muito tranquilos no trânsito, tentam ajudar de todas as formas e são muito atenciosos e tivemos uma ótima impressão do povo.

Inclusive na imigração quando estávamos para embarcar no voo de retorno, o policial falou algumas palavras em português conosco. Depois, antes do embarque passamos numa livraria e numa lojinha de souvenirs e foi o primeiro lugar que os preços eram mais em conta dentro do aeroporto do que na cidade.

Aguardamos nosso embarque e nosso voo de retorno foi muito tranquilo também.

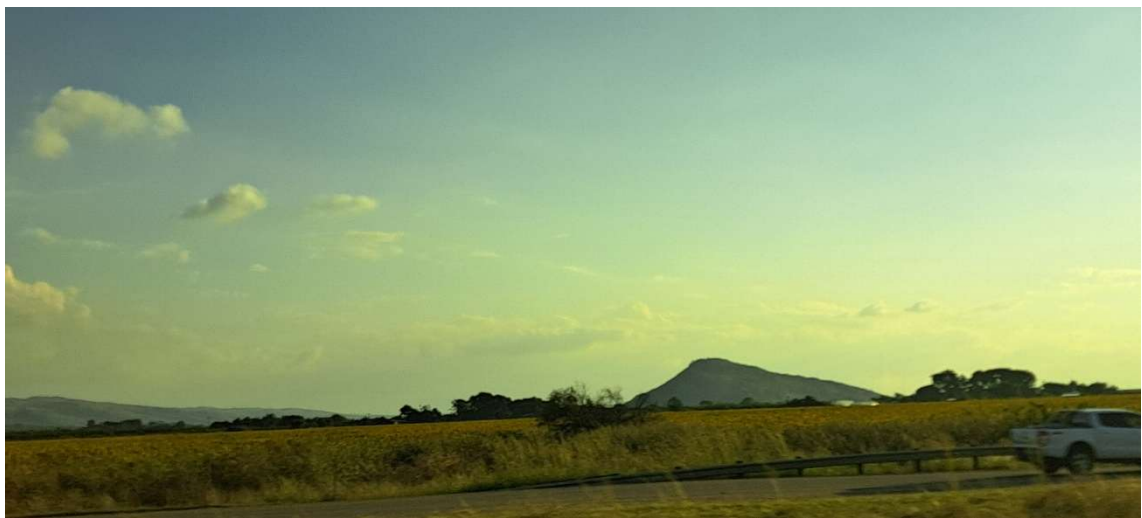
Depois de chegarmos em São Paulo, Guarulhos, partimos rapidamente para a rodoviária para tentar antecipar nossa passagem no ônibus para Dourados, mas infelizmente não havia mais vagas. Desta forma ficamos esperando o horário normal da passagem que havíamos comprado e por ali o movimento era enorme.













RECEITA DO PRATO CHAKALAKA

O Chakalaka é um prato sul-africano à base de feijão, legumes, tomate e especiarias. Pode ser servido com pão ou como salada. Ele pode ser picante ou suave, de acordo com o gosto de quem está comendo (ou preparando). É muito consumido como acompanhamento em festas e *braais* (churrasco na África do Sul).

Ingredientes:

1/4 de xícara de azeite de oliva
1 cebola média picada
2 colheres de chá de alho picado
½ colher de chá de tomilho
½ colher de chá de páprica defumada
1 colher de chá de pimenta caiena
½ colher de chá de gengibre picado
½ açafrão ½ coentro em pó
½ cominho ½ noz-moscada
2 tomates
1 cenoura grande ralada no lado grande ou cortada em fatias finas
1 pimentão amarelo médio cortado em cubos
1 pimentão vermelho médio picado
250g de feijão cozido
Coentro e salsinha a gosto

Modo de preparo:

1. Em uma panela grande, aqueça o azeite em fogo médio;
2. Adicione a cebola, espere um minuto ou dois;
3. Misture todas as especiarias (alho, gengibre, páprica defumada pimenta caiena, tomilho, açafrão, noz-moscada, coentro, cominho) e continue mexendo por cerca de um minuto para deixar os sabores florescerem;
4. Em seguida, adicione o tomate, os pimentões e a cenoura;
5. Cozinhe por cerca de cinco minutos, mexendo ocasionalmente;
6. Por fim, adicione o feijão cozido;
7. Ajuste os temperos. Sirva quente acompanhado de pão árabe.

CUBA E PANAMA

De novo, com invenção da Raissa e também por um documentário que assisti na televisão decidimos visitar Cuba e com as passagens muito em baixa decidimos ir à esta ilha incrível. No retorno paramos no Panamá, onde a conexão seria de várias horas.

CUBA

Era um lugar que decidimos após eu assistir um documentário na internet. Achamos que valeria a pena visitarmos e então quando a Raissa encontrou uma passagem de ida e volta por um preço “camarada” então realmente decidimos ir. E valeu a pena mesmo. Um lugar muito bonito, cheio de belezas naturais fantásticas e um povo acolhedor. Foi um passeio muito bom.

Embarcamos em cima da hora em Campo Grande e depois tínhamos uma hora em nossa conexão em Guarulhos. Coisas da Raissa. Mas deu tudo certo.

Fomos para o hotel, onde fomos recebidos muito bem, inclusive pelo carregador de malas, um senhor já de idade e que se dispôs a conseguir guias e passeios para nós, além de se colocar a disposição para trocar dólares caso precisássemos.

Vistamos, em Havana na primeira noite um forte onde houve salva de canhão. Um belo espetáculo.

Havana, uma cidade cheia de história, com monumentos em cada esquina e pessoas simpáticas por todos os lados, apesar de tantos problemas que enfrentam, como deixou claro para nós o taxista que ficou conosco por dois dias, nos levando para Varadero e também para fazendas de charuto, onde trouxemos 3 (três) caixas para saborearmos com os familiares. Aprendemos sobre a confecção dos charutos, bebemos rum e almoçamos pela região, além de andarmos de charrete.

No caminho para Varadero encontramos muitas belezas ao longo da estrada, um caminho praticamente sem tráfego, com pouquíssimos carros. Paramos num mirante para olharas montanhas e ganhamos uma bebida do taxista (pina colada). Depois na praia de Varadero, onde Raissa aproveitou um monte a praia e depois fomos almoçar (lagosta), por um preço muito em conta. Na cidade de Varadero muitos russos fazendo turismo, bem como numa gruta que paramos no caminho para conhecer.

Passamos por Matanzas, uma cidade muito arborizada e com uma limpeza de dar inveja em nossas cidades brasileiras.

Vimos que o país em sí, tem muita segurança e podemos deixar nossos itens pessoais e mochila em cima do banco do carro sem preocupação. Mesmo nas áreas mais pobres a segurança é um ponto positivo. Na verdade, sempre que viajamos, temos que lembrar que não estamos no Brasil, onde o governo incentiva os bandidos de uma forma ou de outra e os principais estão no governo.

O taxista também nos explicou que nem tudo é do governo, como a imprensa mostra ao mundo. Nos contou da história de seu carro, um Chevrolet 1953 que já está na sua família

à 3 (três) gerações e é um item pessoal e não do governo como se pensa. Também nos falou como funciona a questão de casa própria e outras coisas mais.

Em Havana, principalmente, a Raissa “gastou” seu espanhol e ficava tirando o sarro do meu. Mas vou relevar desta vez.

Passamos pelo cemitério, gigantesco por sinal, pelo Jardim Botânico enorme também, por diversas praças e vários pontos turísticos. Policiais por todos os cantos. Pelo monumento de Cristo e também no museu do Che Guevara. Mas o mais interessante foi a exposição de armas e aviões caça da URSS que estão expostos a céu aberto. Incrível.

Na embaixada russa, uma enormidade de fila onde os cubanos estavam tirando visto para visitar a Rússia.

Quando estávamos estacionados numa praça, pois o taxista foi pegar um ingresso de show para um amigo, chegou uma menina com vários colegas e ficou conversando conosco,



dei para ela 500 pesos e a menina ficou toda feliz e saiu correndo com os amigos para comprar algo.

O senhor do hotel que nos atendeu, ficou

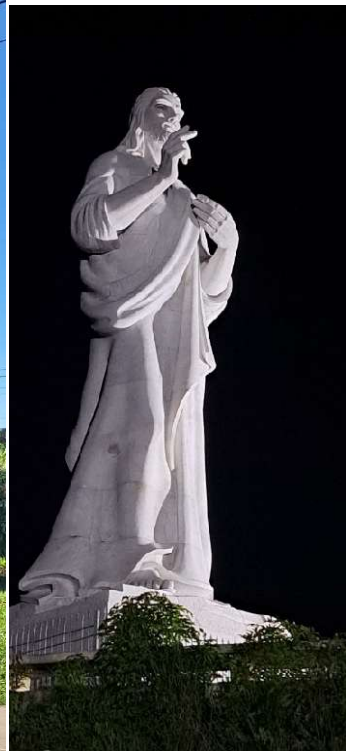
sabendo que no outro dia sairíamos bem cedo, antes mesmo do café da manhã, então ele falou que ia pedir para o pessoal deixar um café especial pronto para nós, porque não era para viajarmos de barriga vazia.

Podemos dizer que Cuba foi uma experiencia excelente, tanto dos lugares que visitamos, como das pessoas que encontramos e conversamos, como da comida que todas estavam deliciosas e muito bem temperadas.



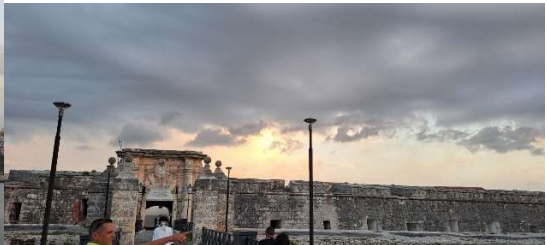
















PANAMA

Bem, Panama desta vez foi conexão no retorno de Cuba, porém como havia muito tempo para ficar no aeroporto, conversamos com o pessoal da imigração e eles nos deixaram sair para visitar a cidade. Se não deixassem a Raissa ia ficar muito chateada. Mas deu tudo certo. Então pedimos para um taxista fazer um tour conosco e assim foi, passou por diversos lugares da cidade nova e também da cidade velha e depois nos levou para almoçar e também no Canal do Panama, onde apenas a Raissa entrou, afinal eu já conhecia a cidade.



A Raissa gostou bastante, principalmente do canal onde pode ver o movimento que se faz para um navio cruzar o canal. Enquanto esperávamos ela do lado de fora teve que ficar dentro do carro, pois estava chovendo bastante.

Quando terminou voltamos para o aeroporto e aguardamos nosso voo.







AMÉRICA DO NORTE

País 74 - Vancouver – Canadá

Chegamos em Vancouver após o almoço, devido a um atraso da United, entre Chicago e Vancouver de apenas 4 (quatro) horas. United sendo United.

Quando embarcamos em Chicago rumo à Vancouver a moça do embarque disse para o Igor “vivendo o sonho americano”, com o que ele riu mas não respondeu nada.

Que sonho????

Também vale lembrar que não tinham preparado a comida especial para a Celma, intolerante a lactose, como havíamos registrado durante as compras das passagens.

No Canadá chegamos no dia de Ação de Graças e a cidade estava calma com o feriado, um dos mais importantes em seu calendário. Estava uma temperatura de 8 graus com chuva.

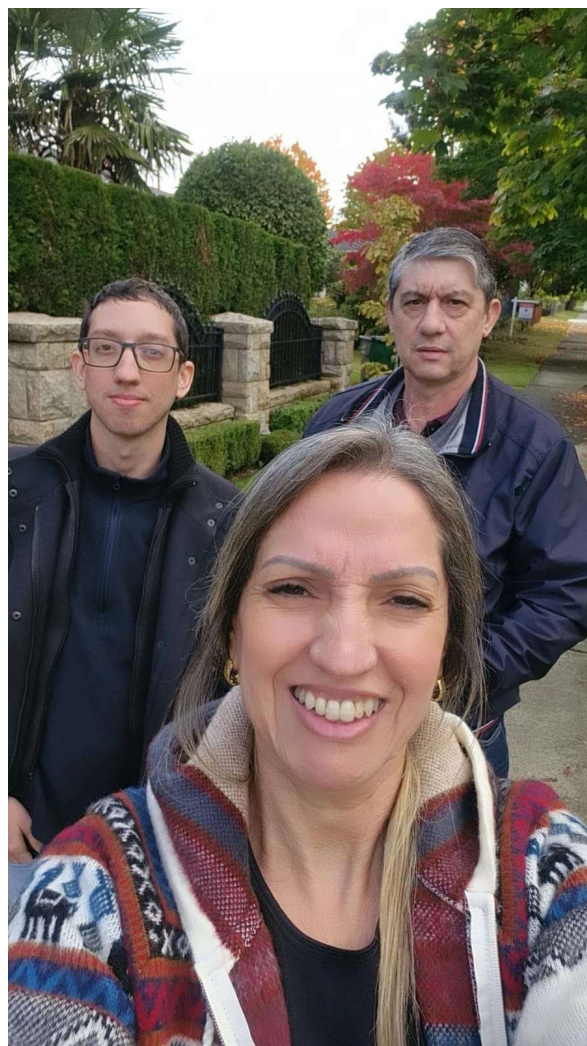
Com o Uber fomos para nossa casa, bastante longe do aeroporto, localizada na 2757 East 52nd Avenue, e lá deixamos as coisas e fomos encontrar um lugar para comermos. Saímos para caminhar nas redondezas e encontrar algum restaurante. Igor escolheu um restaurante grego não muito longe da residência. Nos sentamos, conversamos e aproveitamos para assistirmos um jogo de beisebol que passava na televisão do restaurante. E tivemos nosso primeiro contato

com as maravilhosas árvores símbolo do Canadá, bordo (maple) que neta época do ano pode-se encontrar em suas mais variadas tonalidades.

Apesar do ambiente ser muito aconchegante e a comida uma delícia o preço nos assustou e cerca de R\$500,00 foi o que pagamos por alguns pratos da deliciosa comida grega.

Voltamos para casa e tomamos banho e descansamos, pois já fazia alguns dias que tínhamos saído de casa. A noite foi tranquilo, pois as acomodações eram bem aconchegantes.

No dia seguinte saímos para caminhar e conhecer a cidade, fomos à diversos lugares, centro da cidade, Igreja que estava fechada (Christ Church Cathedral – Anglican Church of Canada), onde a primeira missa foi celebrada em 1889, passamos pelo porto. Continuamos nossa jornada pela cidade que estava calma, passamos pela The University



of British Columbia, pela Galeria de Arte, onde aparentemente uma equipe de cinema da Índia estavam fazendo gravações e onde pudemos tirar fotos muito bonitas da Celma em meio à vários bordos coloridos. Passamos pelo FlyOver Canada, mas entendemos que o ingresso para ver a cidade de Vancouver das alturas não valia o preço. Também conseguimos encontrar, escondido entre as árvores de uma rua, um pequeno totem, aqueles que quando éramos crianças víamos em filmes indígenas.

Comemos rapidamente de manhã na rua uma comida de um vendedor indiano (Downtown Dosas) que disse nos serviu uma comida muito deliciosa, porém com uma pitadinha de pimenta, mesmo nós dizendo à ele que não era pra ter nada de pimenta. Então como havia ganhados um doce, ao qual não sei o nome, como brinde.

Encontramos um restaurante de comida brasileira, o Brazilliant de uma brasileira onde fomos muito bem recebidos e adoramos a comida, lembrando de nossos temperos nacionais.

Depois caminhamos mais para ver o relógio a vapor (Steam Clock) que foi inaugurado em 1977, e outros pontos turísticos, encontramos uma loja de doces e o dono da mesma, que ficava em frente ao relógio a vapor falava português. Indagamos ele de onde conhece o idioma e o mesmo disse que gosta de aprender línguas. Conversamos com ele um pouco e nos disse que “geralmente o Canadá é barato, porém a cidade de Vancouver é muito cara”. Vale lembrar que seu português estava muito bom.

Depois fomos à uma loja e compramos alguns itens para trazermos para casa, além de comida também. Fomos para nossa hospedagem e tomamos banho para voltar ao estádio de hóquei onde tínhamos ingressos para a partida do campeonato que ser realizaria no Rogers Arena com o time local do Vancouver Canucks contra o Saint Louis. Foi um espetáculo muito bonito, a casa estando lotada com todos caracterizados com o uniforme do time local, abertura da partida muito bonita, entrevistas durante os intervalos, ações sociais, tinha até mesmo um cantor que se apresentou várias vezes na arquibancada com músicas country.

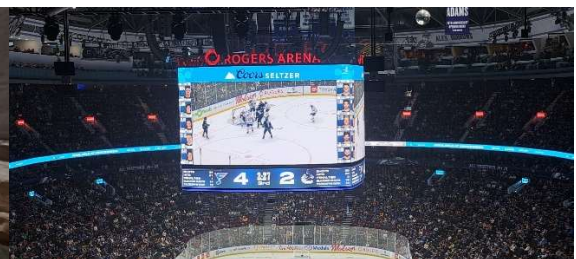
Quando terminou a partida fomos procurar um restaurante para jantarmos e não era muito longe, no caminho encontramos algumas relíquias como tanque de guerra pelas ruas, mas como monumentos para serem apreciados.

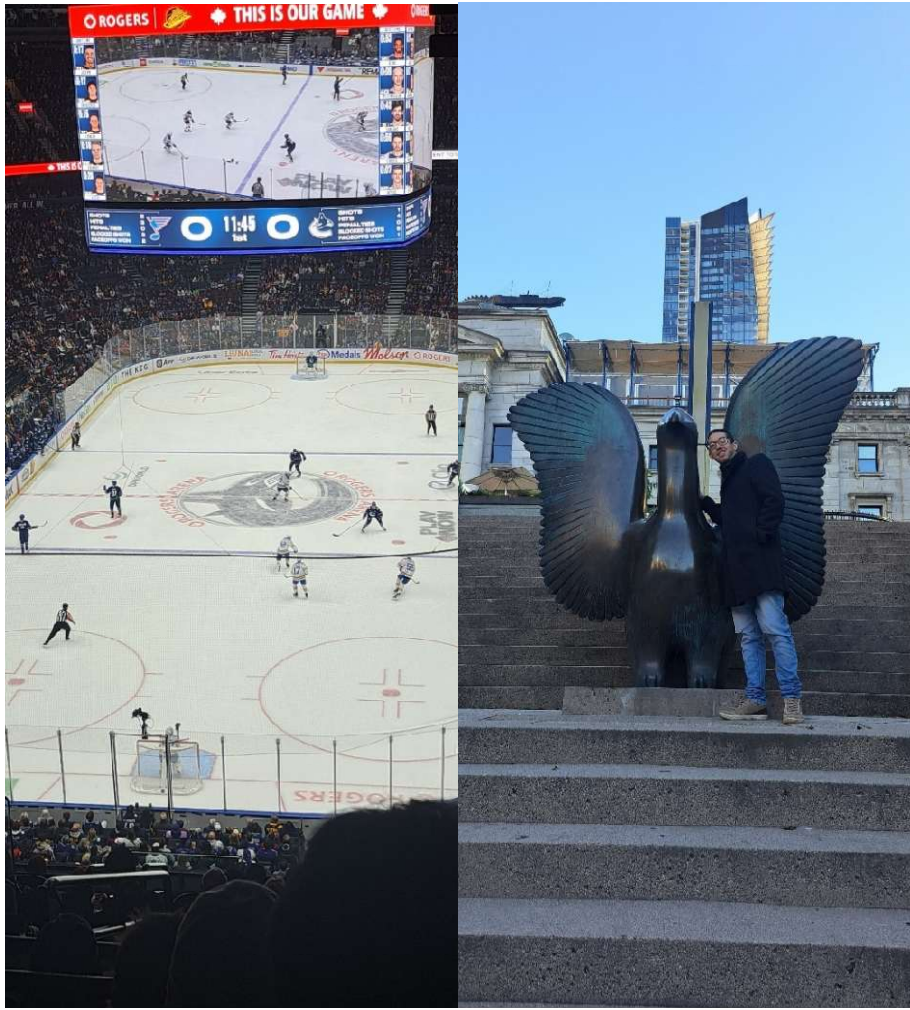
No outro dia, de madrugada ainda, saímos da casa para irmos à San Francisco. Deixamos uma bandeira do Brasil de presente para o dono da casa, o qual agradeceu momentos depois e desejando boa viagem.















SAN FRANCISCO – EUA = Pelo voo da Air Canada chegamos à decadente cidade de San Francisco. Sim, a famosa cidade dos filmes e noticiários que encanta multidões, mas que na verdade não passa de mais uma ilusão americana do fácil marketing que utilizam para ludibriar os turistas.

Entre ver a cidade ao vivo, passear por ela e vê-la em filmes, é muito melhor ver em filmes no aconchego de sua casa.

Lugar de mulher feia, arquitetura sem graça e liberdade além do normal, fazem desta cidade algo que podemos viver sem conhecer.

Porém eu já estive duas vezes neste local, a primeira à trabalho e agora acompanhando nosso filho que participava do evento da Salesforce que ocorria nos dias 14, 15 e 16 de Outubro.

Chegando ao aeroporto, onde havia uma exposição de aparelhos de telefones de todas as épocas e modelos. Pegamos um Uber para nosso quarto reservado num bairro de praticamente chineses, na 311 4th Avenue. Um lugar tranquilo, com diversos restaurantes, padarias e mercados. E onde basicamente encontrávamos uma comida boa com preços razoáveis.

Após deixamos a bagagem, afinal chegamos bem cedo, e nosso check-in seria apenas as 15 horas fomos surpreendentemente recebidos pelo proprietário que liberou o quarto e assim pudemos ir caminhar, trocar dinheiro e almoçar. Era nossa, para Celma e Igor o primeiro contato com a cultura deste lugar.

Neste dia o Igor já foi para o evento, enquanto nós passeamos ali por perto mesmo e voltamos para o quarto para descansarmos.

Igor chegou bem tarde naquela noite, após o evento ele saiu com os demais brasileiros que estavam por lá.

No dia seguinte, saímos para tomar café, caminhamos bastante e fizemos diversas atividades juntamente com o Igor que ficou conosco.

Visitamos a Lombard Street, a rua toda sinuosa que foi palco de diversos filmes, a Ponte Golden Gate, lugar que acreditava que a Celma ia gostar, porém não apresentou nenhuma satisfação pelo lugar.

Andamos e conhecemos a tecnologia dos carros Waymo, passeamos no famoso bondinho (Cable Car) por todo o seu percurso e finalizamos em frente a um Burger King. E já que era hora do almoço comemos por lá mesmo. Os intragáveis lanches doentios de mais uma franquia norte-americana.

Passamos pela Chinatown, onde pudemos comprar lembrancinhas e caminhar pelas ruas cheias de chineses correndo de um lado à outro.

No final do dia fomos até as Painted Ladies, uma série de casas e edifícios no estilo vitoriano e eduardiano famosos que atraem muitos turistas. Descansamos um pouco por ali e depois fomos à uma loja de jogos de tabuleiro bem pertinho, onde o Igor fez suas compras e aproveitamos que do lado havia uma loja bem grande de HQ (histórias em quadrinhos) a qual passamos um tempo por ali.

Quando retornarmos para nosso quarto a Celma foi com o Igor num salão lavar o cabelo. Gostaram bastante do lugar e conversaram bastante com a proprietária e a funcionária a qual também trabalhava num restaurante chinês, na Chinatown que havíamos encontrado anteriormente.

A proprietária do salão bate na bunda da Celma e diz “você tem 36 anos”, com o que a Celma ri, pois tem bem mais que isso.

Neste dia também fomos na rua Haight Street onde há lojas de skate e outros esportes radicais e achamos o skate que a Raissa queria, mas estava muito caro e não compramos. Podia ter comprado, pois dois dias depois o Igor e a Celma voltaram lá e o compraram. Era um sábado a tarde, enquanto eu ficava no quarto dormindo pois estava com preguiça de voltar naquele lugar, com cheiro forte de droga. E não era por menos, quando retornaram contaram coisas absurdas, como homens beijando homens, mulheres todas tatuadas e peladas na rua e por ai afora, que viram na rua em pleno sábado a tarde.

No dia seguinte, uma sexta-feira o sai com a gente e passamos pelo Fleshman Pier, ficamos pouco por ali e então já estava na hora do Igor se encontrar com o pessoal no evento, então fomos ao centro da cidade com ele e depois de algum tempo ele ficou no evento e Celma e eu fomos para o Pier 39 onde caminhamos por ali, fomos ver os leões marinhos que infelizmente eles não estavam pra se mostrarem muito mas mesmo assim vimos alguns distantes. Depois conhecemos o Bubba Gump, restaurante inspirado no filme Forest Gump e fomos almoçar em outro ali pelo Pier 39 mesmo.

Pegamos um Uber e fomos visitar a fonte Yoda Fountain e depois voltamos para casa. Igor chegou bem tarde.

No dia seguinte, sábado, fomos até Livermore, cidade há uma hora de San Francisco onde passeamos por um outlet e almoçamos lá também.

Voltamos após o almoço e enquanto a Celma e Igor voltavam à rua do skate eu organizo as malas para à noite irmos ao aeroporto e embarcamos num voo para Houston e depois São Paulo.



No final do dia encontrei o SR. Ching Ho, dono do lugar, simpático como sempre, entreguei-lhe uma bandeira do Brasil o que ficou muito satisfeito inclusive com a foto que tiramos a qual pediu para enviar para ele. Minutos depois ele me chamou perto da cozinha e me deu um copinho de drink de sua coleção.

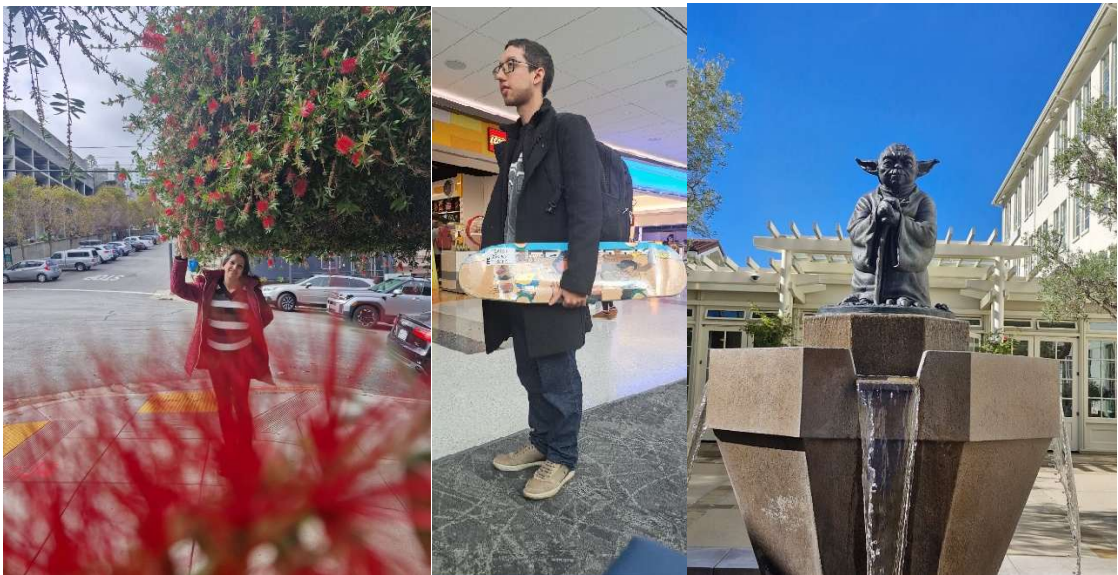
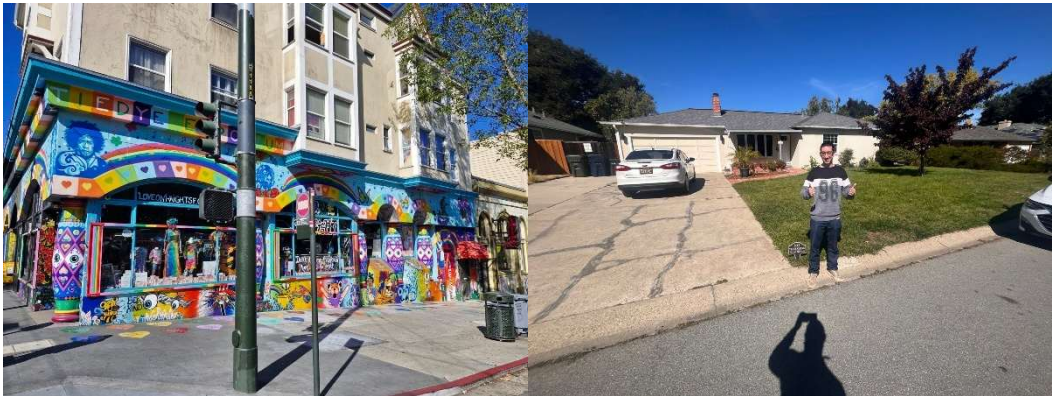
No aeroporto de Houston tomamos um tradicional café americano no exagerado custo de

Us\$18,00 e aguardamos nosso voo que seria no final do dia.

Quando fomos embarcar, no portão de embarque, a conferência dos passageiros se deu apenas pelo reconhecimento facial num celular da funcionária da companhia, nada de passaporte ou ticket de embarque. Inovação.

Chegando em São Paulo novamente as desorganizações em nossos aeroportos, como de costume.











O mais importante desta viagem é que tanto a Celma como o Igor detestaram aquele país medíocre dos Estados Unidos.

Com estas viagens fecho incríveis 74 nações visitadas e 88 (oitenta e oito) viagens internacionais. Os demais membros da família também têm um número incrível de viagens e países visitados conforme abaixo.

88	62	26	31
WALTER	CELMA	IGOR	RAISSA
TOTAL DE VISITAS INTERNACIONAIS			

74	54	21	26
WALTER	CELMA	IGOR	RAISSA
TOTAL PAÍSES VISITADOS			



E que 2026 seja ainda mais prolífico no tocante à viagens internacionais. Que assim seja. Vamos aguardar.

